

Joaquim Ribeiro Gomes Calado

PATROCÍNIOS

- Governo Civil de Leiria
- Câmara Municipal da Batalha
- Junta de Freguesia do Fétal

REGUENGO DO FÉTAL...

...CONTRIBUTOS PARA O ESTUDO HISTÓRICO - ETNOGRÁFICO DUMA FREGUESIA PLURISSECLAR

CO - EDIÇÃO

AUTOR



MCCB

Museu da Comunidade

tanto fora de dúvida que, a ser assim, não é a primitiva, é um monobloco de pedra que mede 38x12 cms. Ostenta pintura da década de 1680-90, ordenada pelo bispo leiricense D. José de Lencastre a um frade arrábido que dela se terá encarregado.

Tem a capela dois altares que o bispo de Leiria, D. Manuel de Aguiar para ali fez deslocar da sua sé episcopal, como recompensa pelo contributo que a Confraria de N.ª Senhora do Fetal dera para as obras do Hospital que esse prelado levantou na cidade, e que ainda hoje conserva o seu venerando nome.

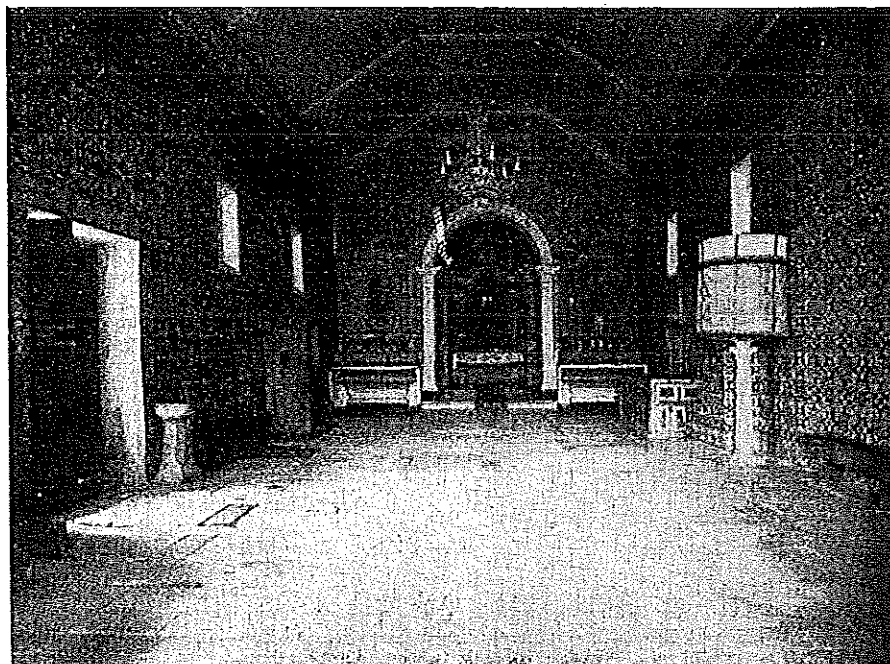
Um pouco ao Norte, fica a capelinha de N.ª Senhora da Consolação, sobre uma fonte que a crença popular leva a lavar

com as suas águas as verrugas, ao mesmo tempo formulando promessas, na esperança do seu desaparecimento, não se sabe bem se pela Fé, se pela acção das águas.

Esta ermida, que também é conhecida pela *Memória*, dista da anterior, cerca de uma centena de metros.

No lugar da Torre da Magueixa, há agora um templo novo, em construção, sito no mesmo local do antecedente, também deveras danificado pelo sismo já referido. Para ele contribuíram avultadamente todos os habitantes dos lugares de Torre e limítrofes. Alguns mesmo, destacaram-se com vultuosas dádivas.

É lenda corrente e aceite, ser aqueles teses se tem por ser do século XVII, por-



Capela de N.ª Senhora do Fetal

o local onde se situa a ermida, o mesmo que serviu de chão à casa onde nasceu a Virgem e Mártir Santa Iria. A esta Santa, se liga uma lenda lindíssima, com poucas hipóteses de ser verdadeira, que envolve a cidade de Santarém.

No lugar das Torrinhãs, existe uma capela da invocação de Santa Maria Madalena.

Nos Arengões de Alcanadas, uma outra dedicada a S. Mateus.

Nas Garruchas, recentemente construída, há uma capela de traça moderna, mas que ainda não está consagrada ao culto.

Festividades

Na nossa freguesia, anualmente, celebram-se as festividades seguintes:

A NOSSA SENHORA DO FÉTAL, também conhecida pela *Feira do Reguengo*, no primeiro domingo de Outubro, pre-



N.ª Senhora do Fetal

cedida de procissão, com a veneranda Imagem, 9 dias antes, da capela do Fetal para a Matriz. É à noite, com muitas luzes, especialmente acesas nas conchas dos caracóis, dispostas sob as mais variadas figuras, nas casas, nos muros, nas eiras, ou, então, em troncos armados nos quintais, sobre os telhados, etc. Na véspera da Festa, nova procissão, esta em sentido inverso (com o retorno da Imagem para a vetusta capelinha do Fetal), sempre com repetição do feérico efeito, já conhecido pela *Procissão dos Caracóis*.

Ao Divino Espírito Santo, em dia próprio, como festa móvel que é. Tem *Imperador* (Juiz) e bodo oferecido pelos muitos mordomos, e que consiste na distribuição de um pão a todos os presentes na festa.

A Nossa Senhora da Consolação, no dia 8 de Dezembro, especialmente concorrida em anos de boa safra de azeite. Na véspera, há toques de búzios até alta madrugada pela aldeia.

Ao Sagrado Coração de Jesus, antiga Festa da Comunhão das Crianças, normalmente no último Domingo de Agosto, ou, então, no primeiro de Setembro. São estas as festas religiosas da sede.

Nos lugares:

A Santa Iria, na Torre, precedida de Jubileu, a 20 de Outubro.

A Nossa Senhora da Conceição, também na Torre, em Setembro.

A Nossa Senhora do Ó, nos Arengões de Alacnadas, em datas e anos incertos.

A Santa Maria Madalena, nas Torrinhas, também incerta.

Mais recentemente, com carácter de festas tradicionais de arraial e folcloristas e visando a promoção a todos os níveis da freguesia, têm vindo a desenvolver-se os Grandes Festejos de Verão. A sua história, fundação e carácter, desenvolve-se no início deste livrinho.

No ano findo, e como tudo indica, realizar-se-ão nos vindouros, as Festas do Emigrante. São promovidas, dum modo geral por toda a freguesia e proporcionam a junção dos seus filhos espalhados pelo Mundo, numa confraternização amigável, íntima e festiva.

Rancho Folclórico da casa do Povo

*A azeitona já está seca
Porque não foi apanhada
A mais verdinha que temos
É no Vale da Quebrada.*

*Nunca vi figueira preta
Dar os figos na raiz,
Nunca vi rapaz solteiro
Namorar de mau nariz.*

Como tem acontecido com tantos outros agrupamentos congêneres, a criação do Rancho Folclórico da Casa do Povo do Reguengo do Fetal foi sugerida pelo êxito obtido por uma «marcha» preparada para



Folclore do Reguengo

os festejos da noite de S. João, realizados em 1967 nessa grande e progressiva sede duma das três freguesias do concelho da Batalha. Tinha-a ensaiado mestre Francisco Gomes Calado.

Entusiasmados com essa exibição e incitados por conterrâneos que a ela haviam assistido, os briosos rapazes e raparigas que a constituíam e o seu ensaiador resolveram meter ombros à espinhosa ta-

refa de formar um rancho folclórico, e convidaram para fazer parte da sua direcção, além do Francisco Calado, homem que se votou ao serviço da sua terra natal e que tem sido incansável divulgador do associativismo — o que lhe valeu, relativamente ao ano de 1970, a atribuição do Prémio «Monte-Pio de Nossa Senhora da Vitória da Batalha» o jovem reguenguense João Neves da Costa Rei. A eles se juntaram, pouco depois, Diamantino dos Santos Gomes e Joaquim Ribeiro Gomes Calado («Jodalac»), espíritos bairristas e devotos ao associativismo, e, mais recentemente, outros jovens, José do Fetal Caixeiro, António Fernando Carvalho de Almeida e D. Teresa Maria Marques Cunha.

O primeiro ensaio do agrupamento, que, até à sua integração na Casa do Povo, usou a denominação de Rancho Folclórico do Reguengo do Fetal, realizou-se em 19 de Julho de 1967. Francisco Calado e João Rei, substituindo-se e auxiliando-se, orientaram esse e os subsequentes ensaios da primeira fase da vida do agrupamento.



○ Rancho da Casa do Povo, em exibição

Durante os poucos anos da sua existência, foram laboriosamente recolhidas, a maior parte na freguesia do Reguengo, e cuidadosamente seleccionadas quinze danças, todas elas originais e pertencentes ao riquíssimo cancionário popular da região de Leiria, embora algumas se note já um pouco do tempero ribatejano, influência que se explica quer pela proximidade dessa província, que foi parte integrante da Estremadura, quer pela deslocação, que noutros tempos se verificou, de grupos de trabalhadores reguenguenses para a apanha da azeitona em Minde, Moitas Venda, Casais Robustos e mais terras vizinhas ou encastoadas no Ribatejo.

Dentre as danças salientam-se «Tirolé», característico tacão-e-bico, «Valsa a Dois Passos», «O José, Bonito Nome», dança de apresentação e entrada do agrupamento, «Figueira Preta», cujos versos, bem como de «Apanha da Azeitona», transcrevemos acima, «Loureiro», «A Laranja Foi à Fonte», «Rapariga não te Cases», «Dizia a Gaja», «Apanha da Azeitona», «Cravo Roxo», «O Ladrão, Ladrão», «Aba-